

# A aspectualidade estativa de “ficar”: uma análise dos casos com gerúndio e particípio

Roberlei Alves Bertucci\*

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo discutir a interpretação aspectual de ‘ficar’ quando seguido de gerúndio ou particípio em português brasileiro. Propomos que esse verbo seja um aspectualizador, contribuindo com a formação de um predicado com características estativas. Defendemos que a noção de permanência atribuída a ele é válida para as construções em análise, e, assim, possíveis diferenças entre a complementação com gerúndio ou particípio são composicionais, isto é, são dadas pelas propriedades dessas formas nominais do verbo. Com isso, rejeitamos análises anteriores que, ora tratam do verbo de forma polissêmica, ora atribuem a ele uma semântica de permanência ou iteração na construção com gerúndio e uma de mudança de estado naquela com particípio. Baseados na noção de aspecto verbal, checamos a robustez de nossa proposta por meio de uma série de hipóteses: os resultados levam à conclusão de que, de fato, ficar+gerúndio/particípio forma um predicado de estado, em que ‘ficar’ tem apenas um significado na perífrase.

Palavras-chave: Aspecto verbal. Perífrase verbal. Aspectualizador. Verbo ficar.

---

\* Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Doutor em Letras (USP).

# The stative aspectuality of “ficar” in gerundive and participial periphrases

## Abstract

This paper aims to discuss the aspectual meaning of ‘ficar’ (lit. to stay) followed by gerundive or participial verbs in Brazilian Portuguese. We argue that ‘ficar’ is an aspectualizer which forms a stative predicate. We also propose that the meaning of continuity assigned to it is acceptable for the constructions on analysis and thus, some possible differences come from compositional features, namely, the specific properties of gerundive and participial complements. Consequently, we reject previous analysis which argued for either a polysemic view on ‘ficar’ or a continuity/iterativity meaning to ‘ficar’ in gerundive constructions, but a change of state in contexts with participle complements. Based on verbal aspect notions, we check the validity of our proposal by means of a few hypotheses: results lead us to conclude that ficar+gerundive/participle forms a stative predicate, in which ‘ficar’ has only one meaning in the periphrases.

Keywords: Verbal aspect. Verbal periphrases. Aspectualizers. Verb ficar.

Recebido em: 30/03/2020

Aceito em: 24/07/2020

## Introdução

Neste trabalho, propomos uma discussão sobre a semântica de ‘ficar’ em construções com gerúndio (1) e particípio (2) em português brasileiro (PB).

(1) João ficou estudando.

(2) João ficou molhado.

Nesses casos, vamos assumir que ‘ficar’ seja um verbo aspectual, no sentido de Bertucci (2015a), cuja semântica está diretamente relacionada ao aspecto lexical. Além disso, vamos propor que ele contribua com uma leitura durativa do estado denotado por seu complemento e não com a noção de mudança de estado (como assumido por diferentes autores).

Em geral, os trabalhos sobre o tema defendem, de um lado, uma polissemia do verbo ‘ficar’: nos casos com gerúndio (1), ele teria o valor de permanência; nos casos com particípio (2), valor de mudança de estado (ou causalidade). De outro lado, esses mesmos trabalhos reconhecem que diferentes valores semânticos dos complementos de ‘ficar’ podem contribuir para o sentido diferente do verbo (e da sentença), ou seja, o significado seria dado composicionalmente. Aqui, assumimos parcialmente essa noção, ao admitir que a diferença entre a duração dos casos em (1) e a suposta mudança de estado dos casos em (2) seja resultado das propriedades semânticas desses complementos, o que não caracteriza, necessariamente, uma polissemia, já que o valor de ‘ficar’, acreditamos, seja um só.

Apesar disso, assumimos que ‘ficar’, por ser um verbo aspectual, ocupa uma posição sintática baixa, o que desencadeia

restrições quanto: i) ao tipo de complemento com que pode se combinar (ou de leitura que exige deles); ii) ao tipo de modificadores adverbiais possíveis; e iii) às possibilidades de coocorrência com verbos auxiliares, como ‘estar’.

É importante notar também que, embora vários trabalhos tenham sido realizados sobre os casos em questão, eles se concentram na polissemia do verbo, sua funcionalidade ou sua gramaticalização — além de serem trabalhos bastante frequentes para o português europeu (PE) e não para o PB. Aqui, no entanto, propõe-se uma abordagem de carácter formal (ainda que sem uma metalinguagem lógica/formalizada), para se responder ao porquê de as perífrases com ‘ficar’ serem como descrito. Como dissemos, a proposta é que a semântica do verbo leve à restrição de combinação e ao significado que a perífrase carrega.

Por isso, assumimos a análise sobre o tempo de Klein (1994) e a proposta de estruturação sintática de Laca (2002; 2004) para perífrases verbais nas línguas românicas. Sugerimos que ‘ficar’ realiza uma operação no nível do aspecto lexical (VP) sobre o predicado que selecciona, inserindo uma perspectiva de duração temporal própria de estados e relativa a um momento de referência. Com isso, acreditamos explicar mais globalmente os casos em que tal verbo é seguido de gerúndio e participio em PB.

Vale dizer que, aqui, vamos deixar de lado uma semântica mais específica de outras construções com ‘ficar’, tais como aquelas com preposições — ‘de’, ‘com’ e ‘em’, por exemplo. Quando mencionadas, servirão apenas para comparar a função do verbo nos diferentes contextos em que aparece.

O trabalho se organiza assim: na seção 1, apresentamos as propostas já existentes para ‘ficar’ em português; na seção 2, discutimos a questão do aspecto verbal e dos aspectualizadores;

e, na seção 3, apresentamos a proposta de análise para o verbo ‘ficar’ seguido de gerúndio ou participípio.

## 1 Propostas de análise para ‘ficar’

O leque de pesquisas sobre ‘ficar’, em especial em PB, é bastante limitado. Alguns trabalhos versam sobre sua polissemia, procurando descrever os diferentes sentidos das construções em que aparece (VIVIANI, 1987; STEIN, 2004; RIBEIRO, 2004; REBELO; OSÓRIO, 2006). Entre eles, podemos destacar o trabalho de Stein (2004), que, no âmbito da linguística de *corpus*, levantou a frequência das diferentes construções com ‘ficar’, em especial no contexto jornalístico, encontrando mais ocorrências com sintagmas preposicionais. Sem dúvida, como a própria autora aponta, a liderança desse tipo de construção se deve, essencialmente, ao tipo de ambiente, já que, ali, são muito frequentes casos com ‘em’ (‘A inflação ficou em 5% ao ano’) e ‘para’ (‘A reunião ministerial ficou para a próxima semana’).

Merecem menção, também, pesquisas que abordam aspectos de modalidade nas construções com esse verbo, em especial na perífrase ficar de+infinitivo (‘A empresa ficou de dar um retorno’), em que há o sentido de um compromisso (implícito) assumido, tanto em PE (CORREIA, 2010) quanto em PB. Santos (2017), por exemplo, encontrou uma alta frequência desse tipo de dado num *corpus* retirado de um *site* brasileiro de reclamações, e, em todos eles, a noção é de modalidade, relacionada a um inerente comprometimento de um sujeito em relação a uma situação específica (por isso a alta frequência no *site* que serviu de base para a pesquisa).

Ao analisar ‘ficar’ no PE, Drzazgowska (2005) propõe que o verbo tenha um sentido de “permanência”, dado a partir dos elementos que compõem a sentença em que aparece, como a classe aspectual do VP que o sucede ou os modificadores adverbiais. Assim, para ela, tanto a leitura durativa de ficar a+infinitivo (correspondente europeia da versão brasileira de ficar+gerúndio) quanto a chamada “leitura causativa” (com participio) seriam resultado da combinação dos elementos ali presentes.

Para explicar essas diferenças de sentido, Lehmann (2008, p. 11) se debruça sobre os aspectos históricos relacionados à gramaticalização de ‘ficar’, de sua passagem de verbo pleno a auxiliar. Ele propõe que haja um significado básico para ‘ficar’ —  $x$  fica  $P$  é ‘ $x$  permanece  $P$ ’ até um intervalo ( $t$ ) e depois de um intervalo de tempo ( $t$ )  $P(x)$  — de modo que esse significado indicaria a continuidade de um estado contrário às expectativas. Por outro lado, o autor propõe que haja um significado genérico para o mesmo verbo —  $x$  fica  $P$  é ‘a partir de um ponto temporal de referência  $t$ ,  $P(x)$ ’ —, o qual seria parte do significado básico e, associado aos predicados  $P$  específicos, traria os diferentes valores das perífrases com ‘ficar’. Como se vê, no significado genérico, o estado só ocorre depois de um intervalo específico, como se fosse um resultado.

Apesar de razoável, nessa proposta, tanto as construções com ficar+gerúndio quanto as de ficar+participio estariam relacionadas ao sentido genérico — ao sentido básico, estariam relacionadas apenas construções do tipo ‘O João ficou em casa’ —, denotando uma eventualidade estativa que começaria “a partir de um ponto de referência  $t$ ”. No entanto, sentenças como (3) claramente apontam para a duração do estado durante

o intervalo descrito pela oração adverbial e não uma noção de início a partir daquele momento.

- (3) a. O João ficou estudando a tarde toda ontem.  
b. O João ficou chateado a tarde toda ontem.

Num primeiro momento, é possível que um ouvinte infira que, em (3b), algum fato tenha desencadeado (iniciado) o estado de chateação em João. Contudo, não nos parece que isso seja indicado por ‘ficar’, em si, mas pelo predicado que o acompanha (chatear), o qual exige uma causa que inicie o estado. Assim, a leitura de início de estado, ainda que pareça mais próxima das sentenças com ficar+particípio, não condiz com a contribuição semântica desse verbo.<sup>1</sup> Analisaremos essas questões na seção 3.

Seguindo as mesmas perspectivas anteriores, Correia (2010) defende que ‘ficar’ assume valores distintos, a depender do tipo de complemento que o segue, em especial o tipo de preposição. A autora propõe que o referido verbo indique a permanência de um evento “não télico a partir de um intervalo de tempo específico”, de modo que o sentido da construção seja composto pelas características do complemento. (CORREIA, 2010, p. 161). Como se vê, o sentido atribuído por ela é muito próximo ao de Lehmann (2008), indicando uma duração a partir de um intervalo específico. Portanto, nesse ponto, poderíamos repetir as mesmas considerações e refutações já feitas ao trabalho de Lehmann (2008).

Um aspecto importante do trabalho de Correia (2010) é a equivalência de sentido atribuída entre ficar a+infinitivo e passar

---

<sup>1</sup> Um ponto importante indicado por parecerista, a quem agradeço a observação, é que *ficar* forma passivas adjetivas com alguns predicados psicológicos, como *chatear*, os quais não aparecem com passivas verbais (*\*foi chateado*). Nesses casos, o predicado pode implicar uma causação e *ficar* o estado resultante (e não a causa, em si). Por outro lado, exemplos como (2), com *molhar*, revelam que *ficar* aparece igualmente com outros tipos de predicado.

a+infinitivo: para ela, em ambos os casos, trata-se do início de um estado. Todavia, ao menos em PB, tal similaridade desaparece quando se observam sentenças como (4) e (5) a seguir.

(4) Quando foi para São Paulo, Pedro passou a jogar bola.

(5)??Quando foi para São Paulo, Pedro ficou jogando bola.

Como se vê, a primeira diferença é de aceitabilidade: enquanto a sentença em (4) é natural para os falantes do PB, a sentença em (5) não é aceita por todos.<sup>2</sup> Depois, a sentença em (4) carrega o sentido de uma atividade iniciada no intervalo indicado pela oração temporal (Quando foi para São Paulo), o exemplo em (5) tem o sentido de um estado que permaneceu durante o mesmo intervalo de tempo — para os falantes que aceitam a sentença.

Bertucci (2015a) defende que ‘passar’ denota, de fato, o início de um estado, de modo que o VP com passar a+infinitivo tem características estativas. A partir de testes específicos, o autor propõe que esse verbo atue apenas no aspecto lexical e não no gramatical — as diferenças entre eles serão abordadas na seção 2. Aqui, vamos assumir que o papel de ‘ficar’ é, também, compor um predicado com características estativas, atuando no aspecto lexical, mas, diferentemente de ‘passar’, vamos propor que o estado ali denotado permaneça no intervalo de tempo relativo ao momento de referência (e não que seja seu início).

Ainda que questões relacionadas ao aspecto verbal venham a ser discutidas na seção 2, cabem aqui alguns comentários sobre os trabalhos de Castilho (1967) e Travaglia (2006), os quais versam mais sobre o PB. Castilho (1967) insere ficar

---

<sup>2</sup> Usamos os sinais duplos de interrogação a fim de marcar uma sentença de aceitabilidade duvidosa na língua (mas não necessariamente agramatical).



a+infinitivo na lista das perífrases que expressam o aspecto imperfectivo cursivo, entendido como o “aspecto imperfectivo por excelência, indicando a duração de que se ignoram os limites. A ação é apanhada em seu pleno desenvolvimento, inexistindo preocupações em torno do princípio ou do fim do processo”. (CASTILHO, 1967, p. 69). Embora a ideia de “cursividade” seja interessante, a classificação de Castilho (1967) não explica casos como (3), em que o verbo ‘ficar’ está no perfectivo e, de algum modo, pode-se inferir os limites da duração (como em ‘O João ficou estudando a tarde toda’).

Travaglia (2006, p. 190), em perspectiva teórica similar, propõe que o significado das perífrases com ‘ficar’ dependa de pelos menos três possibilidades de leitura do verbo:

O verbo ‘ficar’ significa “permanecer ou conservar-se em determinada situação”;

O verbo ‘ficar’ significa “tornar-se”, “vir a estar em determinada situação”;

O verbo ‘ficar’, na condição de auxiliar, marca a iteração da situação.

No primeiro significado, que pode ser dado por ficar+gerúndio/particípio, a proposta do autor é de que o verbo marca a duração da eventualidade, como em “Selma ficou parada na porta até que a notassem”. (TRAVAGLIA, 2006, p. 191). No segundo, expresso por ficar+particípio, a noção aspectual não é dada por ‘ficar’, mas por outros elementos na sentença, como o tempo verbal e modificadores adverbiais. Por exemplo, em ““O documento ficou rasgado em pedacinhos’, propõe-se que o aspecto seja perfectivo/acabado, graças ao pretérito perfeito”. (TRAVAGLIA, 2006, p. 192). Finalmente, o terceiro significado é exclusivo de ficar+gerúndio e marca o que o autor chama de “aspecto iterativo”, em casos como “Você fica falando isso e

acabará tendo problemas”. (TRAVAGLIA, 2006, p. 193).

Sem dúvida, o texto de Travaglia (2006) é o mais detalhado sobre perífrases em PB, de modo que suas classificações são importantes para a descrição do fenômeno. Ainda assim, a classificação das perífrases com ‘ficar’ predomina, em detrimento das explicações, carecendo de mais respostas. Por isso, nossa proposta aqui é identificar um significado para ‘ficar’ que consiga ser aplicado aos contextos em questão e, sobretudo, que tente explicar a descrição que tem sido feita na literatura. Para tanto, assumiremos que ‘ficar’ tenha características de um verbo aspectual, algo que será discutido a seguir.

## **2 A semântica dos aspectualizadores**

Nesta seção, apresentaremos noções gerais de aspecto e aspectualizadores (ou verbos aspectuais). O objetivo é explicar a abordagem teórica que nos permite analisar ‘ficar’ como verbo de aspecto lexical na próxima seção.

### ***2.1 Aspectos lexical e gramatical***

Na literatura, reconhece-se que o aspecto lexical é aquele expresso pelo verbo ou mesmo pela composição do VP, diferentemente do aspecto gramatical, que se utiliza de verbos auxiliares ou da morfologia para sua expressão. Em português, por exemplo, na primeira conjugação, o sufixo ‘-ou’ indica o pretérito perfeito (perfectivo) da terceira pessoa do singular, enquanto ‘-ava’, o pretérito imperfeito (imperfectivo) da mesma pessoa do discurso.

Seguindo Klein (1994), assumimos que o aspecto gramatical pode ser analisado em termos de anterioridade, posterioridade, simultaneidade ou inclusão, levando em conta três intervalos de tempos distintos, presentes no pronunciamento de uma sentença: o momento de referência (tópico), sobre o qual se pronuncia a sentença; o momento do evento (situação), relacionado ao evento em si; o momento de fala (pronunciamento), relacionado ao ato de pronunciar a sentença. Nesse desenvolvimento da proposta de Reichenbach (1947), Klein (1994) propõe que o aspecto seja dado pela relação entre os momentos de referência e de evento.<sup>3</sup> Assim, o aspecto perfectivo denota a relação de inclusão do momento de evento no momento de referência (6a), enquanto o aspecto imperfectivo expressa a relação de inclusão do momento de referência no momento do evento (6b).

- (6) a. Quando Maria estava dormindo, o telefone tocou.
- b. Quando o telefone tocou, Maria estava dormindo.

Enquanto as orações temporais expressam o momento de referência, as principais expressam o momento de evento. Com isso, podemos considerar que, em (6a), o evento de o telefone tocar está contido no intervalo de Maria dormir, por isso a morfologia ali está no perfectivo ('tocou'). Já em (6b), fala-se que o evento de Maria dormir estava em curso quando o telefone tocou: o intervalo da referência (o toque do telefone), portanto, é menor que o evento, por isso a necessidade da expressão pelo aspecto imperfectivo ('estava dormindo').

Crítico de definições como aquelas propostas por Comrie (1976), as quais considera pouco precisas, Klein (1994) justifica que aquilo que se costumou chamar de "visualização completa da

---

<sup>3</sup> Para discussões mais detalhadas sobre a proposta de Reichenbach para o português brasileiro, recomendamos Ilari (2001); sobre Klein, ver Bertucci (2016).

situação” para o perfectivo é, na verdade, resultado da inclusão do momento de evento no momento de referência. De modo similar, o que se chama de “visualização de parte da situação” é resultado da inclusão do momento de referência no momento de evento. Como, nesse caso, não se sabe ao certo o que ocorre antes e depois do momento de referência, convencionou-se chamar isso de “visualização incompleta”.

Essa crítica pode ser estendida, portanto, à caracterização encontrada em trabalhos como de Castilho (1967) e Travaglia (2006), os quais inserem perífrases com verbos como ‘começar’, ‘terminar’ ou mesmo ‘ficar’, tema deste trabalho, no rol daquelas que expressam imperfectivo: nessa perspectiva, enquanto os dois primeiros verbos focalizam partes do evento, o último focaliza a duração (e não sua completude), indicando, assim, imperfectividade. Seguimos, aqui, a crítica de Bertucci (2015a) a esse respeito, alegando que (im)perfectividade é uma relação estabelecida entre os intervalos em questão na sentença, não entre “partes” do evento.

Com relação ao aspecto lexical, a literatura atesta que os verbos aspectuais apresentam restrições de seleção, as quais consideramos que devam ser atribuídas ao tipo de predicado a ser formado com esse verbo aspectual. Na tradição de análise sobre o aspecto lexical, o trabalho mais conhecido é o de Vendler (1957; 1967), em que o autor propõe que haja quatro classes básicas de predicados com propriedades linguísticas específicas: atividades (cantar, andar, etc.); estados (ser alto, amar, etc.); *achievements* (chegar, nascer, etc.); *accomplishments* (escrever o soneto, construir uma casa, etc.).

Para o autor, cada uma dessas classes é formada pela combinação de duas propriedades básicas: fases sucessivas e

ponto final intrínseco, também chamadas de “fases” e “telos”. O Quadro 1, a seguir, é uma tentativa de interpretação da proposta do autor.

### Quadro 1 - As propriedades das classes aspectuais

	[±fases]	[±téllico]
Estados	-	-
<i>Achievements</i>	-	+
Atividades	+	-
<i>Accomplishments</i>	+	+

Fonte: ROTHSTEIN, 2004, p. 12.

Para Vendler, os predicados estativos descrevem eventos que não se desenvolvem no tempo (não têm fases) e não têm culminação natural, por isso, sua essência é a homogeneidade e a duração (ROTHSTEIN, 2004). Se se afirma, por exemplo, que ser alto é uma propriedade de João, não se espera que esse estado tenha partes ou que, em algum momento, se mude de estado, como é o caso dos predicados télicos.

Os *achievements* não têm fases porque não se desenvolvem no tempo, mas têm uma culminação. É o caso de nascer: a mudança de estado, nesse caso, é instantânea, ainda que haja um processo até tal mudança. As atividades são o contrário: têm fases, desenrolam-se no tempo, mas não carregam nenhuma ideia de mudança de estado intrínseca. Assim, 'correr' é um predicado que descreve uma ação com fases (cada passo, por exemplo), mas que não exige um fim.

Os *accomplishments*, por outro lado, têm as duas propriedades: desencadeiam uma mudança de estado (culminação) e isso ocorre no desenrolar do tempo. Se João

está escrevendo um soneto, por exemplo, cada palavra ou cada verso escrito contribui para a culminação que se fará no final do processo.

Uma série de testes tem sido utilizada para indicar a especificação de significado dessas classes. Por questão de espaço, aqui, apresentaremos dois deles: o do progressivo e o dos modificadores. No primeiro caso, considera-se que apenas as eventualidades com fases possam aparecer no progressivo, com a leitura de desenvolvimento, pois ele mostra o desenrolar de um evento num intervalo de tempo.<sup>4</sup> Por isso, atividades (7a) e *accomplishments* (7b) aparecem naturalmente no progressivo, enquanto estados (7c) e *achievements* (7d) não formam boas sentenças — a não ser com leitura de fase preparatória (7d).

- (7) a. João está correndo.
- b. João está escrevendo um soneto.
- c. \*João está sendo alto.
- d. #João está chegando.

O outro teste proposto é aquele com modificadores temporais. Modificadores encabeçados por ‘às x’ indicam o exato momento de mudança de estado e, por isso, são compatíveis com *achievements* (8a); aqueles iniciados por ‘em x’ são adequados para os *accomplishments* (8b), pois indicam o tempo de desenrolar entre a fase inicial e a final; aqueles com ‘durante x’ são adequados para indicar a duração de atividades (8c) e estados (8d).

---

<sup>4</sup> O teste com o progressivo é usado para se analisar as propriedades do VP; já as sentenças com progressivos têm, elas mesmas, sua própria classe aspectual: na literatura, considera-se que seus predicados denotam estados. Assim, a sentença ‘João está cantando agora’ descreveria o estado de João no exato momento da fala. Landman (2008) é um dos autores que mais discutem a estatividade do progressivo.

- (8)a. João chegou às 10h/#em 2h/\*durante 2h.
- b. João escreveu um soneto em 2h/#às 10h/#durante 2h.
- c. João correu durante 2h/#às 10h/#em 2h.
- d. João amou a Maria durante 2 anos/\*às 10h/#em 2 anos.

Com *achievements*, o modificador pontual ‘às x’ é adequado, enquanto o ‘em x’ só é compatível em situação em que se estabelece um intervalo entre uma referência e a chegada. Os *accomplishments*, compatíveis com ‘em x’, têm leitura de término da ação com ‘às x’ e não indicam se o evento finalizou com durante x. As atividades, adequadas com ‘durante x’, têm leitura de início de evento com ‘às x’ e pressupõem um intervalo de tempo entre uma referência e uma possível culminação, como em “João correu em 2h” (de casa ao trabalho). Similarmente, os estados aparecem de forma natural com ‘durante x’, mas não com ‘às x’. Junto de ‘em x’, parecem pressupor um estágio preparatório.

É relevante pontuar que alguns estados aceitam modificações temporais equivalentes a ‘às x’, em especial quando se pressupõe mudança de estado. A sentença (8d), por exemplo, seria aceitável se houvesse algo como ‘naquele exato instante’ (9a), indicando o momento em que João passou para o estado de amar Maria. Outros também são aceitos, como se vê nos dados em (9b-c).

- (9) a. João amou a Maria naquele exato instante.
- b. Naquele instante, Maria gostou de matemática.
- c. No momento da assinatura da naturalização, Pedro passou a ser brasileiro.

Os dados em (9) mostram que predicados estativos, como ‘amar’, ‘gostar’ de ou ‘passar a ser brasileiro’ aparecem em alguns contextos com modificadores pontuais. Como já observamos, nesses casos, há uma espécie de momento em que se identifica a mudança de estado, ou, melhor dizendo, o momento em que um estado se inicia e pode ser identificado como tal. Os aspectualizadores (ou verbos aspectuais) contribuem para a modificação do aspecto lexical: é o que se discutirá a seguir.

## **2.2 Definição de aspectualizadores**

De pronto, assumimos que há verbos que contribuem para a expressão do aspecto gramatical (progressivo, prospectivo, entre outros) e aqueles que atuam sobre o aspecto lexical (atividade, estado, entre outros), também chamado de *Aktionsarten*, conforme discutido por diferentes autores como Cunha (1998), Oliveira *et al.* (2001), Laca (2002; 2004; 2005), Wachowicz (2007) e Bertucci (2015a; 2016). Os últimos são denominados de “verbos aspectuais” ou “aspectualizadores” e sua semântica indica que “operam sobre o intervalo de tempo denotado por um predicado, e o resultado da operação é um outro predicado que denota uma parte da estrutura temporal da eventualidade denotada pelo primeiro”. (BERTUCCI, 2015a, p. 15).

Em geral, tais verbos formam perífrases com preposições específicas, como ‘começar/passar a’ ou ‘parar/deixar de’ seguidos de infinitivo ou são seguidos de gerúndio, como ‘continuar’. Semanticamente, formam um predicado cuja *Aktionsart* é quase sempre diferente daquela do predicado que modificam, mas não influencia no aspecto gramatical, ao contrário do que se defende nas análises das perífrases em



Castilho (1967) e Travaglia (2006). Por isso, neste trabalho, assumimos a proposta de Bertucci (2015a, p. 18), que define:

Verbos aspectuais são modificadores de predicados que tomam um predicado como seu *input* e retornam outro predicado como seu *output*. O predicado dado por um VP com um verbo aspectual:

- i) denota uma parte da eventualidade denotada pelo predicado que ele seleciona; ou
- ii) denota um estado relacionado a tal eventualidade; e
- iii) possui um tipo de aspecto lexical, quase sempre diferente daquele do predicado *input*.

O autor argumenta que verbos como ‘começar’ e ‘terminar’ denotariam, respectivamente, o início e o fim de uma eventualidade, enquanto ‘continuar’ e ‘deixar’ denotariam o estado de uma eventualidade (que permanece ou é abandonada, respectivamente). Os aspectualizadores, assim, atuariam apenas no aspecto lexical (e não no gramatical).

Seguindo a proposta de Laca (2002; 2004; 2005), assumimos que há uma série de perífrases que contribuem para a expressão do aspecto gramatical, tais como estar+gerúndio, que denota o progressivo (10), ou ir+infinitivo, que denota o prospectivo (11).

(10) João estava estudando quando o telefone tocou.

(11) João ia estudar quando o telefone tocou.

Enquanto a sentença em (10) indica que o evento de João estudar estava em progresso no momento de referência (o toque do telefone), a sentença em (11) indica que o mesmo evento aconteceria, mas foi antecedido pelo momento de referência.

Por outro lado, verbos aspectuais alteram a *Aktionsart* do predicado selecionado. Por exemplo: ‘começar’ denota a fase inicial do evento selecionado, formando um predicado

*achievement*, com leitura de início de evento com modificadores pontuais (12a);<sup>5</sup> ‘passar’ forma um predicado estativo, com leitura de mudança de um hábito (estativo), quando compatível com esse tipo de modificador (12b).

- (12) a. João começou a caminhar às 8h.  
b. #João passou a caminhar às 8h.

Nesse sentido, similarmente ao que Bertucci (2015b) propõe para verbos como ‘começar’, ‘parar’, ‘passar’, ‘continuar’, entre outros, neste trabalho, argumentamos que ‘ficar’, seguido de gerúndio ou participio, forma também uma perífrase aspectual (de aspecto lexical) com características estativas. Nesse sentido, a presente pesquisa se diferencia das propostas apresentadas na seção 1, as quais, ou inserem as perífrases com ‘ficar’ no rol daquelas que expressam o aspecto gramatical, ou o consideram um verbo polissêmico. A seguir, vamos detalhar a proposta, levantar algumas hipóteses e checá-las com dados do PB.

### 3 'Ficar' como verbo aspectual em PB

Nesta seção, levando em conta as discussões feitas até aqui, vamos analisar a contribuição de ‘ficar’ para o significado da sentença, quando forma perífrase com gerúndio e participio. Seguindo a proposta apresentada na seção anterior, argumentamos que ‘ficar’ toma um predicado de evento como *input* e retorna outro predicado de evento como *output*. Esse predicado formado expressa a “permanência” da eventualidade

---

<sup>5</sup> Alguém poderia perguntar em que consiste a culminação em (12a). Não temos espaço para detalhar a questão, mas, seguindo Bertucci (2015a), assumimos que há um evento pontual de início de uma determinada eventualidade. Por isso, as sentenças com *começar* passam nos testes relativos à classe dos *achievements*.

denotada pelo complemento (particípio ou gerúndio) num momento de referência. O predicado resultante (ficar + gerúndio/particípio) denota uma eventualidade de características estativas. Vamos assumir que a permanência se estende pelo momento de referência específico (ainda que implícito contextualmente), sem pressupor um intervalo anterior em que o mesmo evento já ocorresse. Em outras palavras, predicados com ficar+gerúndio/particípio indicam que a eventualidade permanece no intervalo relativo ao momento de referência; é essa permanência num intervalo específico que dispara a leitura estativa das sentenças com ‘ficar’.

Embora apresente semelhanças com aquelas presentes na seção 1, esta proposta se diferencia em dois aspectos: primeiro, considera que o verbo ‘ficar’ forma um VP estativo, operando no nível do aspecto lexical, modificando o predicado que o complementa, como ocorre com os verbos aspectuais (LACA, 2002; 2004; 2005); segundo, sugere que esse verbo tenha um sentido único nos contextos com gerúndio ou particípio. Em geral, na literatura, considera-se que, neste último caso, seu sentido seja de mudança de estado. Vamos propor, no entanto, que a leitura de mudança de estado é dada pela semântica do predicado no particípio, que pressupõe um evento anterior que causou a mudança.

Considerando que a proposta para ‘ficar’ como verbo aspectual esteja correta, uma série de hipóteses pode ser levantada. Todas elas levam em conta o que se viu até aqui a respeito da configuração dos verbos aspectuais e dos predicados de estado.

### 3.1 Hipóteses sobre a seleção dos predicados

Aqui, tecemos quatro hipóteses principais sobre os tipos de predicados selecionados por ‘ficar’ nos contextos sob análise:

i) Complementos que denotem atividades ocorrem naturalmente com ficar+gerúndio.

Essa hipótese decorre do fato de que atividades não têm um ponto final predeterminado, mas têm subeventos (fases), que podem ocorrer durante todo o intervalo de permanência do estado, tal como se definiu acima (na noção de permanência); logo, são compatíveis com expressões durativas, como é o caso da perífrase sob análise.

ii) Complementos que denotem estados ocorrem naturalmente com ‘ficar’ apenas se estiverem no particípio.

Essa hipótese parte do princípio de que a permanência, tal como definida aqui, requer que o evento todo denotado por ficar+gerúndio/particípio fique circunscrito no intervalo definido pelo momento de referência; como os estados são durativos, mas não têm subeventos, sua circunscrição total só parece possível sob o particípio, que se refere ao evento todo, não a partes.

iii) Complementos que denotem *achievements* só são possíveis se permitirem leitura iterativa (repetição).

Essa hipótese leva em conta tanto a ausência de fases dos *achievements* quanto a sua possibilidade de repetição; assim, o único meio de se circunscrever o evento no momento de referência com características estativas é com sua repetição.

iv) Complementos que denotem *accomplishments* só são possíveis se se detelicizados, ou seja, se o ponto final não tiver sido atingido.

Embora os *accomplishments* tenham fases, como exigem a mudança de estado para completude, consideramos que sua compatibilidade com a noção de permanência da perífrase sob análise só se dará pelo apagamento/pela suspensão dessa mudança.

Com relação à primeira hipótese, Drzazgowska (2005) a reafirma, argumentando que ficar+gerúndio seleciona apenas atividades. Também Vieira (2017), em sua análise num *corpus* de rede social, encontrou 65% de ocorrências dessa perífrase com atividades. Os dados em (13) apontam para a naturalidade de 'ficar' com atividades.

- (13) a. João ficou estudando a tarde toda.
- b. João ficou correndo por duas horas.

Com relação à segunda hipótese, ficar+particípio se mostra muito mais natural com estativos (14a) que a perífrase com gerúndio (14b). Por outro lado, como já observava Drzazgowska (2005), alguns predicados considerados estativos podem aparecer naturalmente com essa perífrase. É o caso de 'pensar'(15a) e 'morar' (15b).

- (14) a. João ficou chateado depois da viagem.
- b. #João ficou amando a Maria por duas décadas.

- (15) a. João ficou pensando no problema durante dias.
- b. João ficou morando no Rio depois que voltou dos EUA.

Discutindo as duas primeiras hipóteses, a naturalidade de ‘ficar’ com predicados de atividades decorre da possibilidade de se estender os eventos por elas denotados por um período de tempo. Atividades, em si, são dinâmicas, têm fases, mas sem um ponto final, o que permite que se repitam indefinidamente. O que ‘ficar’ faz é estender a repetição de suas fases pelo intervalo de tempo do momento de referência.

Por outro lado, estativos como ‘chateado’ são compatíveis com intervalos próprios de permanência. Nesse caso, a contribuição de ‘ficar’ é caracterizar o estado como permanente, em um intervalo de tempo expresso pelo momento de referência. Já no gerúndio, a sentença não é adequada (14b) — com algumas exceções, como em (15). Nesse caso, o próprio verbo no gerúndio já caracteriza a abertura do evento, e, já que estativos como ‘amar’ não são dinâmicos e se estendem, naturalmente, por um período de tempo, ‘ficar’ não tem uma contribuição relevante, formando, portanto, sentenças ruins.<sup>6</sup> Mais adiante, na discussão sobre a última hipótese, argumentaremos que o papel do tipo de complemento (gerúndio ou particípio) também influencia na aceitabilidade das sentenças com ‘ficar’.

Casos como (15) são mais permissivos por duas razões distintas: primeiro, ‘pensar’, ainda que estativo, parece deixar implícito que houve uma atividade mental em curso e, muito provavelmente, intervalos distintos em que ela ocorreu, o que se assemelha a fases, próprias das atividades; ‘morar’, por sua vez, pressupõe um local em que isso ocorra. Como afirma Lehmann (2008), ‘ficar’, originalmente, tem o sentido de “fixar-se em algum lugar”, sendo compatível, portanto, com ‘morar’. Nesse caso, poderíamos questionar, inclusive, se em (15b) o sentido de ‘ficar’ não é locativo, por causa do predicado ‘morar no Rio’.

---

<sup>6</sup> Bertucci e Rothstein (2019) apresentam alguns tipos de estados em PB. É possível que alguns tipos de estado sejam mais compatíveis com *ficar*, mas, como isso não cabe na extensão deste trabalho, deixamos a questão em aberto.

Com relação à terceira hipótese — de que complementos que denotem *achievements* só são possíveis se permitirem leitura iterativa (repetição) —, Vieira (2017) diz ter encontrado casos dessa leitura no *corpus* analisado.<sup>7</sup> Entre os exemplos, está (16a), com ‘arrumar desculpas’, o qual, na nossa interpretação, descreve uma iteração. Conforme se verifica na literatura (ROTHSTEIN, 2004), *achievements* com esse tipo de composição têm leituras de iteração (atividades). Por outro lado, alguns *achievements*, mesmo pluralizados, não aparecem com ‘ficar’, como é o caso de ‘chegar’, em (16b).

(16) a. Se não está afim [*sic*], seja sincero, não fique arrumando desculpas. (VIEIRA, 2017, p. 52)

b. #Por duas horas, os torcedores ainda ficaram chegando.

c. A raposa ficou matando galinhas (a noite toda).

Os dados em (16) corroboram a hipótese de que ‘ficar’ forma um predicado com características estativas, de modo que o predicado por ele selecionado tem leitura durativa. Sendo assim, *achievements* só ocorrem com leitura de repetição, como se vê com ‘matar galinhas’ em (16c) ou ‘arrumar desculpas’ (16a).

Com relação à quarta hipótese, sobre a detelicização<sup>8</sup> dos *accomplishments*, os dados em (17) mostram que, de fato, nos casos com ‘ficar’, o atingimento do ponto final (télós) fica suspenso (ou, pelo menos, não é inferido).

(17) a. João ficou lendo o livro a tarde toda.

b. João ficou lendo o livro a tarde toda até terminar.

---

<sup>7</sup> Vieira (2017) analisou um *corpus* de tuítes, de modo que deixaremos os exemplos tal como se apresentaram ali.

<sup>8</sup> Para a discussão do fenômeno da detelicização, sugerimos Basso (2008) e Basso e Pires de Oliveira (2010).

- c. João ficou lendo o livro a tarde toda, mas não terminou.
- d. #João ficou lendo o livro a tarde toda, mas terminou.

Analisando os casos anteriores, percebe-se que (17a) é uma sentença natural, mas que não implica que a leitura do livro tenha se concluído. Isso se confirma pelos dados que seguem: (17b) tem uma resultativa infinitiva, que é composta de *accomplishments* (ou atividades) em que o atingimento do ponto final é expresso pela construção com até+infinitivo, conforme se vê em Bertucci (2014); (17c) mostra que a negação do término da atividade, com a adversativa, é natural, enquanto a afirmação com essa mesma construção (17d), não.

### **3.2 Hipótese sobre modificação adverbial**

A quinta hipótese a respeito da estatividade de construções com ‘ficar’ recai sobre a modificação adverbial.

v) Sendo um VP estativo, ficar+gerúndio/particípio é compatível com modificadores durativos, mas não com pontuais.

Na literatura, estabelece-se uma relação temporal entre um evento e seu momento de referência, que geralmente é dado por modificadores adverbiais (advérbios, orações, etc.). Assim, predicados télicos, cuja mudança de estado é pontual, são mais compatíveis com modificadores igualmente pontuais; por outro lado, predicados atélicos, cuja duração é natural — exatamente por não pressuporem uma mudança de estado —, são mais compatíveis com modificadores durativos.



Nesse sentido, sendo um predicado de estado (atélico, portanto), ficar+gerúndio/particípio ocorre naturalmente com modificadores durativos (18), mas não com pontuais (19). Quando se tenta utilizar esse tipo de noção pontual com o objetivo de localizar a mudança de estado, o que se vê é que o gerúndio (19a; 20a) é mais inadequado que o particípio, que até pode aparecer em alguns contextos (comparar 19b com 20b).

- (18) a. João ficou estudando a tarde toda.  
b. João ficou chateado durante anos (com o Pedro).

- (19) a. #João ficou estudando às 10h.  
b. #João ficou chateado às 10h (com o Pedro).

- (20) a. #Naquele exato instante, João ficou estudando.  
b. No momento em que Pedro o xingou, João ficou chateado.

Os modificadores adverbiais aqui apresentados expressam o momento de referência, por isso, os que são durativos são bem aceitos pelas construções com ‘ficar’, enquanto os que são pontuais, não.

O exemplo em (20b) indica o início de um estado. Em geral, a identificação do início de estados, como os apontados ali, parece ser possível apenas depois de um certo período em que o estado já ocorre. É o que se admite em casos como “Pedro começou a fumar na noite de 30 de dezembro”, em que tal estado (nesse caso, um hábito) deve ser identificado um tempo depois. Certamente, no dia 31 de dezembro, dificilmente alguém diria que Pedro estava no estado de fumante (ou com o hábito de fumar) porque estados (e hábitos são um tipo de estado) levam um certo tempo para se consolidar.

Um argumento adicional para a hipótese que apresentamos tem relação direta com a noção de repetição. Conforme Travaglia (2006), a perífrase ficar+gerúndio expressa iteração. Entretanto, se fosse esse o caso, esperaríamos que ela ocorresse naturalmente com modificadores de frequência, como ‘duas vezes’. No entanto, não é o que se vê em (21a), a não ser que, junto a esse modificador, se coloque a duração dessa frequência, por um modificador durativo, por exemplo (21b).

- (21) a. #João ficou estudando duas vezes.  
b. João ficou estudando duas vezes na semana.

O fato de haver um estado (‘ficar estudando’), que parece consistir em uma série de fases menores (ler, escrever, anotar, etc.), que são parte do ato de estudar, não significa que haja uma repetição do evento em si. É essa diferença que se quer assinalar. Tais fatos corroboram a noção de que ‘ficar’ forma predicados estativos (e não necessariamente de repetição, a qual depende do contexto linguístico), de modo que a modificação adverbial precisa ser condizente com as propriedades desse tipo de predicado e evento.

### **3.3 Hipótese do progressivo**

A sexta hipótese que levantamos diz respeito à ocorrência de ‘ficar’ no aspecto progressivo, seguindo uma constatação geral na literatura sobre esse tipo de predicado:

vi) Sendo um VP estativo, ficar+gerúndio/participio não aparece no progressivo.

Os dados em (22; 23) checam a hipótese e apresentam um panorama mais completo.

- (22) a. #João está ficando estudando.  
b. João está ficando em casa estudando (todos os dias).
- (23) a. João está ficando molhado (aos poucos).  
b. João está ficando chateado (aos poucos).

O caso com gerúndio (22a) mostra que a perífrase com ‘ficar’ não aparece no contexto com o progressivo. Em (22b), por exemplo, o gerúndio não é parte da perífrase, porque ‘ficar’ tem uma leitura locativa, ressaltada pelo locativo em casa. Por outro lado, os casos com participípios (23) mostram que o progressivo é, sim, aceito, mas com a condição de indicar um evento que está se desenvolvendo, de forma gradual, o que é atestado pelo acréscimo possível de ‘aos poucos’. A princípio, nossa intuição é de que essa é a única leitura possível nesse contexto, o que aliás, vai ao encontro do que se observa na literatura sobre a relação entre estativos e progressivo. Nesse caso, a leitura exigida por ‘ficar’ guarda semelhanças com outros aspectualizadores, como ‘passar’. Conforme se vê em Bertucci (2015a), sentenças como “João está passando a correr” tem leitura de gradação (de alguma frequência/repetição), uma espécie de estágio preparatório do estado e não necessariamente de um evento em curso no momento de fala. Com isso, acrescenta-se um novo argumento favorável à tese de que as construções com ‘ficar’ sob análise formam predicados estativos.

### **3.4 Hipótese sobre os complementos**

Por fim, a última hipótese formulada era de que as propriedades do complemento contribuem para a diferença de leitura das construções com ‘ficar’:

vii) As propriedades do complemento contribuem para a diferença de leitura das construções com ‘ficar’.

Tratando do progressivo em PB, Lunguinho e Bertucci (2013) defendem que a contribuição semântica do gerúndio é abrir as fronteiras do evento, apresentando-o em desenvolvimento; similarmente, assumem que o particípio em PB faz o papel inverso, apresentando um estado que resulta do fechamento de um evento, lido como concluído. Voltando para nossos dados, assumimos que o gerúndio contribui com a noção de permanência de um estado no intervalo em que o evento denotado pela perífrase com ‘ficar’ ocorre, já que as fronteiras do evento no complemento estão excluídas. Ao mesmo tempo, se o evento ali denotado for passível de iteração, a noção de repetição se efetiva. Inversamente, o particípio contribui para uma leitura causativa, já que, nas sentenças em que aparece com ‘ficar’, um evento anterior que causou o estado ali denotado (no particípio) fica implícito. Tais fatos podem ser percebidos no conjunto de sentenças a seguir.

- (24) a. Quando eu saí de casa, o bolo ficou assando.  
b. Quando eu saí de casa, o bolo ficou assado.

Como se vê, a contribuição de ‘ficar’ nos dois casos é a mesma: apontar a permanência de um estado — em (24a), esse estado não implica mudança, graças ao gerúndio, e, em (24b), sim, graças ao participípio.

Um argumento adicional sobre o papel dos complementos pode ser encontrado em pesquisas que trabalham com a decomposição de predicados, como a de Caçando, Godoy e Amaral (2013). Como mostram as autoras, esse tipo de análise tende a explicar casos de derivação, como de verbos “denominais”, por exemplo (‘jaula/enjaular’; ‘hospital/hospitalizar’; ‘pimenta/apimentar’). No mesmo trabalho, elas defendem que ‘ficar’ seja parte de um metapredicado (BECOME), presente no sentido primitivo de verbos de mudança de estado, em casos como ‘ficou enjaulado/hospitalizado/apimentado’. Assim, torna-se implícito que ‘ficar’ não é um predicado de mudança, mas indica a permanência do estado resultante.

### **3.5 Argumento adicional**

Um argumento extra para o fato de ‘ficar’ não se comportar como perífrase de aspecto gramatical é sua não aceitabilidade em contextos similares a ‘estar’ e a ‘andar’, também analisados como verbos de aspecto gramatical. (BERTUCCI, 2015b). Enquanto ‘estar’ aparece no presente (25a), indicando que o evento está em curso, ‘ficar’ não ocorre no mesmo cenário (25b).

(25) a. A raposa está matando uma galinha (vamos espantá-la!).

b. \*A raposa fica matando uma galinha (vamos espantá-la!).

Como se vê, ‘estar’, por formar uma perífrase de progressivo (aspecto gramatical), insere o momento de evento (matar uma galinha) no momento de referência (que é o agora, em 25a). Assim, é possível, inclusive, que o evento de matar uma galinha seja interrompido. Por outro lado, não é o que se observa em (25b), com ‘ficar’: como esse verbo é de aspecto lexical, formando uma noção de permanência do evento de matar galinha, ele parece exigir que o complemento seja plural (galinhas, por exemplo) a fim de que a “permanência” seja uma iteração. Então, o evento em (25b) não é possível, não sendo, portanto, passível de interrupção.

De modo similar, enquanto ‘andar’ pode ocorrer num cenário de evento único (26a), ‘ficar’ não aparece no mesmo contexto.

- (26) a. A raposa andou matando uma galinha.  
b. \*A raposa ficou matando uma galinha.

Diferentemente dos dados, era esperado que, se fosse verbo de aspecto gramatical, ‘ficar’ não apresentasse essas restrições de ocorrência, já que seu papel seria o de localizar o intervalo de tempo do evento em algum ponto relativo ao momento de referência, conforme a proposta teórica adotada.

Outra questão importante diz respeito à diferença entre ‘ficar’ e ‘continuar’. Ao contrário deste, que carrega a pressuposição do evento denotado pelo complemento (BERTUCCI, 2015a), ‘ficar’ não carrega tal pressuposição, como se vê na comparação dos dados abaixo.

- (27) a. João continuou estudando a tarde toda.  
b. João continuou chateado depois que foi para São Paulo.
- (28) a. João ficou estudando a tarde toda.  
b. João ficou chateado depois que foi para São Paulo.

Os exemplos com ‘continuar’ dispararam a pressuposição de que há um intervalo de tempo anterior ao momento de referência em que o evento já acontecia. Por outro lado, os casos com ‘ficar’ não carregam essa pressuposição.

Com esses casos, esperamos ter demonstrado que ‘ficar’ é um verbo de aspecto lexical, que forma um predicado estativo quando complementado por gerúndio e particípio e, portanto, que não é de aspecto gramatical, por não interferir na relação entre os momentos de evento e de referência.

## **Considerações finais**

Neste trabalho, defendemos a tese de que ‘ficar’, nas construções com gerúndio e particípio, forma um predicado estativo, sendo um verbo aspectual. Para isso, levamos em conta as pesquisas realizadas até aqui que, em sua maioria, consideravam-no como auxiliar de aspecto gramatical e diferenciavam sua função a depender do complemento que o seguia, e apresentamos uma alternativa de análise que englobasse os casos ali discutidos e trouxesse conclusões adicionais sobre a contribuição semântica de ‘ficar’. Todas as hipóteses decorrentes do fato de se considerar o predicado com ‘ficar’ estativo foram atestadas pelos dados do PB.

Temos consciência de que inúmeras questões foram deixadas em aberto, em especial aquelas relativas à formação do participio e à sua ocorrência com o verbo ‘ficar’. Assim, trabalhos que tentem analisar composicionalmente essa questão são muito bem-vindos em PB.

Apesar disso, ainda que inúmeras outras questões possam ser levantadas a respeito da contribuição de ‘ficar’, acreditamos que o presente trabalho contribuiu para se compreender melhor o fenómeno, em especial, pela tentativa de identificar a semelhança entre os sentidos produzidos por ele em diferentes construções do PB, em especial naquelas com gerúndio e participio.

## Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos aos pareceristas anônimos da revista Scripta, cujos comentários foram essenciais para o resultado alcançado ao fim deste trabalho. Os erros que permanecem são de minha responsabilidade.

## Referências

BASSO, Renato. Coerção e detelicização: a psicolinguística e os fenómenos tempo-aspectuais. **ReVEL**, [s. l.], n. 11, p. 1-27, 2008. Disponível em: <[http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_11\\_coercao\\_e\\_detelicizacao.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_11_coercao_e_detelicizacao.pdf)>. Acesso em: 30 mar. 2020.

BASSO, Renato; PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. “Em x tempo” e “por x tempo” no domínio tempo-aspectual. **Revista Letras**, [s. l.], n. 81, p. 77-87, 2010. Disponível em: <<https://>



revistas.ufpr.br/letras/article/view/17326>. Acesso em: 30 mar. 2020.

BERTUCCI, Roberlei. Construções resultativas infinitivas em português brasileiro. **Alfa**, [s. l.], n. 58, p. 523-644, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/6052>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

BERTUCCI, Roberlei Alves. **Uma análise semântica para verbos aspectuais em português brasileiro**. São Paulo: Editora da FFLCH/USP, 2015a. Disponível em: <<http://spap.fflch.usp.br/node/66>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

BERTUCCI, Roberlei Alves. O sentido produzido pelo verbo auxiliar/cópula andar em português brasileiro. **Revista do Gel**, [s. l.], n. 12, p. 139-167, 2015b. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/408>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

BERTUCCI, Roberlei Alves. Questões semânticas sobre tempo e aspecto em português brasileiro. **Cadernos do IL**, [s. l.], n. 52, p. 65-89, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.22456/2236-6385.67140>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

BERTUCCI, Roberlei Alves; ROTHSTEIN, Susan. Stative predicates in the progressive in Brazilian Portuguese. **Diadorim**, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 306-329, 2019. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/28398>>. Acesso em: 26 jul. 2020.

CANÇADO, Márcia; GODOY, Luisa; AMARAL, Luana. Predicados primitivos, papéis temáticos e aspecto lexical. **ReVEL**, [s. l.], n. 20, p. 104-125, 2013. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/225408ba46331467aee40d50386b8a90.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

CASTILHO, Ataliba T. de. Introdução ao aspecto verbal na língua portuguesa. **Alfa**, [s. l.], n. 12, p. 1-126, 1967. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3311>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

COMRIE, Bernard. **Aspect**: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CORREIA, Clara Nunes. Sobre os valores de ‘ficar’ em português europeu. **Estudos linguísticos**, [s. l.], n. 5, p. 153-161, 2010.

CUNHA, Luis Felipe. **As construções com progressivo no Português**: uma abordagem semântica. 1998. 165f. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva) - Universidade do Porto, Porto, Portugal, 1998. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/18111>>. Acesso em: 22 nov. 2019.

DRZAZGOWSKA, Joanna. Ficar: um auxiliar aspectual. **Romanica Olomucensia**, [s. l.], v. XV, p. 43-48, 2005. Disponível em: <[http://oldwww.upol.cz/fileadmin/user\\_upload/Veda/AUPO/AUPO\\_Philologica\\_87\\_Romanica\\_XV.indd.pdf#page=43](http://oldwww.upol.cz/fileadmin/user_upload/Veda/AUPO/AUPO_Philologica_87_Romanica_XV.indd.pdf#page=43)>. Acesso em: 30 mar. 2020.

ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em português**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

KLEIN, Wolfgang. **Time in language**. London: Routledge, 1994.

LACA, Brenda. Périphrases aspectuelles et temps grammatical dans les langues romanes. In: SHYLDKROT, Hava Bat-Zeev; LE QUERLER, Nicole. (ed.). **Les périphrases verbales**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 47-66.

LACA, Brenda. Romance “aspectual” periphrases: eventuality modification *versus* “syntactic” aspect. In: LECARME, Jacqueline; GUÉRON, Jacqueline. (ed.). **The syntax of time**. Cambridge: The MIT Press, 2004. p. 425-440.

LACA, Brenda. Spanish “aspectual” periphrases: ordering constraints and the distinction between situation and viewpoint aspect. In: GUTIÉRREZ-REXACH, Javier. (ed.). **From words**

**to discourse:** trends in Spanish semantics and pragmatics. Oxford: Elsevier, 2002. p. 61-93.

LANDMAN, Fred. 1066: differences between tense-perspective-aspect systems of English and Dutch. *In*: ROTHSTEIN, S. (ed.). **Theoretical and crosslinguistic approaches to the semantics of aspect**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008. p. 107-166.

LEHMANN, Christian. A auxiliarização de ‘ficar’: linhas gerais. *In*: LIMA, José Pinto de; SIEBERG, Bernd. (ed.). **Questions on language change**. Lisboa: Colibri, 2008. p. 9-26. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/299636928\\_A\\_auxiliarizacao\\_de\\_ficar\\_Linhas\\_gerais](https://www.researchgate.net/publication/299636928_A_auxiliarizacao_de_ficar_Linhas_gerais)>. Acesso em: 30 mar. 2020.

LUNGUINHO, Marcus; BERTUCCI, Roberlei Alves. When the progressive and the aspectual classes meet: the case of Brazilian Portuguese. *In*: MOLSING, Karina Veronica; IBANOS, Ana Maria Tramunt. **Time and TAME in language**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2013. p. 124-157.

OLIVEIRA, Fátima *et al.* Verbos de operação aspectual em PE e em PB: semântica e sintaxe. **Boletim da Abralin**, [s. l.], n. 26, p. 380-385, 2001.

REBELO, Ida; OSÓRIO, Paulo. Usos do verbo ficar no português do Brasil: classificação e análise. **Gragoatá**, [s. l.], n. 21, p. 243-267, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/download/33225/19212>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

REICHENBACH, Hans. **Elements of symbolic logic**. New York: The MacMillan Company, 1947.

RIBEIRO, Roza Maria Palomanes. A expansão de sentidos do verbo ‘ficar’ e os mecanismos responsáveis pela organização cognitiva de suas significações. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, [s. l.], n. 7, p. 1-8, 2004. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/>

view/437>. Acesso em: 30 mar. 2020.

ROTHSTEIN, Susan. **Structuring events**. Oxford: Blackwell, 2004.

SANTOS, Lineker Trajano dos. **A construção modalizadora [(Suj)+ ficar de + infinitivo] sob o viés funcionalista**. 2017. 89 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017. Disponível em: <[https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/23533/1/LinekerTrajanoDosSantos\\_DISSERT.pdf](https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/23533/1/LinekerTrajanoDosSantos_DISSERT.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2019.

STEIN, Leticia Luise Krieger. **O uso do verbo ficar em língua portuguesa: uma pesquisa baseada em corpus**. 2004. 74 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/86998>>. Acesso em: 8 ago. 2019.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. 4. ed. Uberlândia: EDUFU, 2006.

VENDLER, Zeno. **Linguistics in Philosophy**. Ithaca: Cornell University Press, 1967.

VENDLER, Zeno. Verbs and times. **Philosophical Review**, [s. l.], n. 56, p. 143-160, 1957. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2182371>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

VIEIRA, Márcia Evelin Guerrero. **Tempo verbal e acionalidade do verbo principal**: estudo descritivo das perífrases aspectuais com os verbos ‘ficar’ e ‘continuar’ com base em dados de escrita informal. 2017. 62f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2017. Disponível em: <[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UCPe\\_872b7bdaab0aab3bc24d5f7bc0b42f50](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UCPe_872b7bdaab0aab3bc24d5f7bc0b42f50)>. Acesso em: 01 set. 2020.

VIVIANI, Zelia Anita. **Polissemia do verbo ‘ficar’**: introdução à gramática de casos. 1987. 190f. Dissertação (Mestrado

em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1987. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/75388>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. Auxiliary and aspectualizer verbs: some syntactic and semantic distinctions. **Revista Letras**, [s. l.], n. 73, p. 223-234, 2007. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/7555>>. Acesso em: 01. set. 2020.